



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

**XIX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE
EDUCAÇÃO / I EREBIO – REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE
ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL.**

TECNOLOGIA, CINEMA E ESCOLA:

Abordagens sobre cultura escolar, tecnologia educacional, prática dos professores e possibilidades para o ensino de História.

Sandro Luis Fernandes

okanorun@uol.com.br

UFPR

A perspectiva atual de estudos sobre tecnologia na escola tem como tônica o uso da informática. Entretanto as tecnologias educacionais abrangem o rádio, a tv, o vídeo (dvd ou vhs), retroprojetor, quadro e giz, etc. Tendo como uma das premissas o entendimento que a presença de filmes em sala de aula necessita de aparato tecnológico, este artigo abordará uma parte do projeto de pesquisa em desenvolvimento sobre a relação entre cultura, escola e ensino, tomando o cinema numa perspectiva cultural. Será um retorno a um estudo comum no Brasil dos anos 30 a 70: o uso do cinema em sala de aula. As reflexões¹ anteriores foram marcadas por uma expectativa de facilitação das relações na escola e as possibilidades educativas do cinema. Segundo Woiski toda sala teria uma tela de projeção ao lado do quadro de giz e uma efetiva preocupação didática em relação às possibilidades de trabalho.

A necessidade de refletir sobre o uso do cinema – obras disponíveis em VHS ou DVD – na escola surgiu da percepção do uso comum desses recursos no cotidiano, em todos os níveis de ensino. Esta percepção tornou-se preocupação quando se observa, em algumas situações, a falta de capacitação para o uso pelos profissionais da educação. E em se tratando do uso do cinema, de tecnologia já disseminada, a qual faz parte da cultura oral

¹ SERRANO, Jonatas e VENÂNCIO FILHO, F. (1930). WOISKI, Albano (1952). SÁ, Irene Tavares de (1967 e 1976).

e imagética² dos envolvidos, naturaliza-se um procedimento de abordagem que tem características de senso comum e pouca reflexão sobre as possibilidades de aprendizagem.

Por uma questão mercadológica e por tentar aproximar a cultura presente fora da escola da vida do aluno, este recurso tornou-se recorrente nas salas de aula. Os responsáveis pela administração e organização das escolas (tanto em nível privado quanto público) se preocupam sobremaneira com a disponibilização desses instrumentos didáticos. Como o “aparato tecnológico” é mais visível para a comunidade escolar a distribuição de vídeos pelas escolas, o que pode mais explicitamente materializar uma suposta preocupação dos burocratas com a formação, preparação e aprendizagem dos alunos. Tal atitude, de certa forma os exime, publicamente de suprir outras necessidades tão evidentes, como: formação de professores.

Não há uso adequado dessas tecnologias educacionais. Neste sentido as máquinas se tornam vitrine do processo educativo, com um fim definido na própria utilização. A partir disso, há uma cobrança significativa para que se desenvolvam processos usando tecnologia. Os professores ficam à margem desse processo porque não tratam a tecnologia com uma ferramenta que necessita de novas metodologias de trabalho, preparação e estudo para seu uso. Como não participam dos processos de implantação dos recursos: ambiente e subsídios didáticos, por exemplo, os professores são compelidos a naturalizar o uso do recurso sem reflexão.

Como o acesso a obras cinematográficas é fácil, principalmente fora da escola, há uma vulgarização da capacidade de uso pelos professores e alunos. A capacitação necessária ao uso é desconsiderada. O professor torna-se apenas um intermediário entre a indústria cultural que produz e vende as máquinas (que já tem programas³ preparados para o uso, que são os filmes) e o aluno (consumidor) que usa o produto. Esta relação capitalista, no sentido de não haver reflexão e, portanto alienação dos indivíduos, desconsidera as possibilidades de crítica. Não há consideração dos processos que levaram os alunos ao ambiente escolar. E tampouco o professor se apropria de condições fundamentais para o entendimento profundo ou necessário para o uso didático de filmes em sala de aula⁴.

² ALMEIDA, Milton (2004).

³ No sentido de FLUSSER, Vilém (2002) os filmes podem ser considerados programas fechados, apenas com possibilidade de uso e não de criação ou interação.

⁴ NAPOTILANO, Marcos (2003).

Neste sentido, a escola e o professor que selecionam e reproduzem determinada cultura, experiências e conhecimento, não tem consciência e tampouco refletem sobre sua condição. Dessa forma, a tecnologia da TV e do vídeo estão presentes e pouco relacionadas à necessidade de capacitação pelos professores. Os processos de ensino são apenas transferidos de suporte. Uma prática que exemplifica: o procedimento de leitura é transferido para a análise de filmes.

Em se tratando das tecnologias educacionais e as possibilidades de facilitar o aprendizado, pensar especificamente o uso do cinema na sala de aula é a retomada de uma reflexão que trata diretamente do acesso à produtos da Indústria Cultural e o desenvolvimento da capacidade crítica dos professores e alunos, pensando na necessidade de entender a cultura comum a todos, inserida na escola e produzida a partir da escola, e da interação dos sujeitos escolares. Tecnologias como retroprojektor, vídeo e tv, giz e quadro, projetor de slides são comuns na sala de aula. As escolas as tratam como incorporadas à cultura escolar. Em relação ao objeto deste estudo, filme na sala de aula, se não há aparelhos em todas as salas de aula, pelo menos uma sala especial de vídeo, ou conjunto(s) vídeo e TV circulam livremente pela escola. Esta percepção da distribuição e do fácil acesso do cinema faz com que pareça que suas formas de produção e análise já foram apropriadas por seus usuários. No uso de um filme em sala de aula, o professor desconsidera a cultura do educando, seus hábitos de espectador e transfere procedimentos metodológicos de significação, interpretação, compreensão e/ou análise de outras linguagens para o filme. O cinema como ilustração de um conteúdo ou inserido em determinado tema é recurso recorrente de professores. Professores de história no cotidiano normalmente não tratam o filme como documento.

Por isso, entender os processos que possibilitem a produção crítica de professores e alunos passa por uma análise da cultura na qual a escola está inserida. Observada como reprodutora, e também como produtora de experiências, portanto possibilitadora da significação através do entendimento de símbolos selecionados num dado capital cultural, e também ressignificação dos processos tecnológicos e culturais. Para isto torna-se necessário entender os processos de apropriação da indústria cultural pela escola, pelos alunos e professores. Isto será desenvolvido através de investigação qualitativa em colégios privados e públicos. Tendo como base entrevistas com professores de história que usam o cinema na

sua prática em sala de aula. Bem como a postura da escola e das políticas de infra-estrutura das mesmas. Nas entrevistas, além de considerar os processos de interação entre cinema, educando e as habilidades necessárias do professor para levar a aprendizagem, verificar-se-á também as relações na escola e as condições pessoais de formação, o que implica analisar as transformações da relação entre professor, escola e alunos, as quais são movidas pelas trocas de experiências de dentro e fora da escola, através dos papéis sociais dos envolvidos. Segundo Dubet e Martuccelli (1998) os alunos e professores são atores na escola e também fora dela. Tem outras funções sociais, atuam em outros grupos. E estas experiências interferem na sua formação escolar, bem como na cultura da escola. E a experiência com o cinema nas aulas de História é significativa?

A cultura cinematográfica inserida na escola

O conjunto TV e videocassete (suporte tecnológico) possibilitou a entrada, sem muitos custos, do cinema na escola. Estão presentes nas escolas de Curitiba, públicas ou privadas. Houve a disseminação dessa dupla de equipamentos nas escolas públicas nos anos 90.

Neste sentido, há uma convergência de interesses da escola e da Indústria Cultural. Indústria que é a fornecedora de boa parte dos bens culturais, que fazem parte do capital cultural da maioria. A escola, na tentativa de aproximar e dar significação aos conteúdos selecionados e a Indústria de estabelecer e controlar hegemonicamente os interesses dos consumidores são parceiras. Notadamente a Indústria Cultural (I.C.) quer a passividade dos consumidores dos bens culturais produzidos pela mesma. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a I.C. providencia o sistema cultural (falsa identidade do universal e do particular) que busca a coerência entre as diversas manifestações culturais – mascarando a idéia de indivíduo – iludindo-o para que possa ser manipulado coletivamente (massa). Dessa maneira atendendo individualmente o desejo das massas, pois este é interesse político por trás dos meios de comunicação (Williams, 2000).

Considerando que os filmes usados não são produzidos com interesse didático. Mas são usados porque têm boa qualidade de produção daí encaixarem-se como ilustração, significação, encerramento de discussões ou apresentação de um tema. Observou-se por

amostragem que são utilizados principalmente⁵ nas disciplinas de Português, Literatura, História e Filosofia, e têm conteúdos que tratam de adaptações literárias, históricas ou ficções usadas para fins de desenvolvimento de conceitos ou temas sociais, humanos, filosóficos, psicológicos, urbanos, etc. Os professores usam filme, empiricamente observados, não raramente como momento de lazer, como premiação à turma ou para preencher lacunas na relação espaço-tempo-conteúdo (próximos a períodos de encerramentos ou avaliação).

Atualmente, em relação ao cinema como instrumento didático, há um momento de acomodação ou substituição. Há uma maior presença, importância e discussão das tecnologias da informação e comunicação (TICs). Daí há uma naturalização do vídeo, que não foi substituído por outra tecnologia, assim como o quadro e o giz, e está na sala para uso constante. Deixou-se de tratar o uso destas tecnologias como tais e discute-se pouco seu uso, e conseqüentemente há pouca reflexão e estudos sobre procedimentos adequados para seu uso didático.

O cinema proporciona o uso de uma tecnologia que a escola não consegue produzir com tamanha qualidade e tampouco controlar, pois o professor tem grande autodeterminação neste procedimento didático. O filme é um produto cultural do cotidiano da maioria e sua presença não é reprodutora apenas, pois o uso do filme gera experiências nos alunos. A obra assistida tem características provenientes da indústria cultural, mas pelo fato de estar num meio diferenciado (sala de aula) e ser tratado de maneira didática, promove interferências no aprendizado e na experiência do aluno com outros filmes fora do espaço da escola. Segundo Williams, a utilização de sinais consagrados num ambiente que originalmente não é o seu, sofre transformações devido a mudança de espaço. Logo, o uso da tecnologia do vídeo aleatoriamente na escola interfere também no significado da escola e do cinema para os alunos. Destaca-se a relação e a experiência do professor com o cinema determinando como as obras são selecionadas, através de ênfases e omissões, na cultura de dentro e fora da escola, mostrando a preferência dos professores por estilos e épocas, bem como o tratamento e estratégias de abordagem preferidas, dentro de uma perspectiva,

⁵ Trata-se de filmes produzidos através da indústria cinematográfica. Raramente se nota o uso de curtas-metragens ou películas independentes. Os documentários são utilizados mais nas disciplinas de ciências naturais, mas também não têm tratamento muito diferente da área de humanas. Também não é significativo o uso de reportagens, ou outras produções da TV, por dificuldades técnicas de reprodução ou dificuldade de adaptação à linguagem dos envolvidos.

segundo Bordieu (2004), reprodutora. E com o aluno não se analisa o processo de escolha, tampouco há reconhecimento por parte do professor do capital cultural deste outro sujeito escolar, então se criam significados e experiências que não ficam evidentes para ambos o que muitas vezes frustra as tentativas de uso do cinema como recurso.

Como o professor não se apropria completamente destes recursos tecnológicos, seja do ponto de vista técnico ou teórico, não é possível entender como estas experiências são geradas e tampouco sua influência nas relações culturais dos alunos e professores, e muito menos da cultura escolar.

Apropriação, reprodução e resistência⁶, uso crítico e comum do cinema.

Um conceito que orienta as ações de investigação desses problemas escolares é o de indústria cultural de Adorno e Horkheimer. Uma das conclusões dos autores alemães é que seria impossível desenvolver críticas ou aprendizado em torno de produtos culturais criados para consumo em massa. Pressupostos que orientam a produção de um filme, que depois irá para sala de aula, são ausentes de intenções pedagógicas. Os autores de Frankfurt não acreditam que o cinema possa ser utilizado em sala⁷, por tratar-se de produto feito em série, de maneira dividida com intenções puramente econômicas (capitalistas). Mas há possibilidades de construção de uma escola democrática, usando recursos da I.C., de maneira integrada, sem medo apocalíptico? Apesar de Williams (1985), considerar que deve haver cuidados: *“Quanto à cultura medíocre, pré-fabricada por negociastas desenraizados e difundida em grande escala pelos meios de comunicação, ela nada tem de “popular”: é tão-somente, explica Williams, a cultura de pessoas que foram artificialmente separadas da “grande tradição”, ao mesmo tempo que a autêntica “cultura popular” antiga definhava”*.⁸ Portanto, discordando da análise dos filósofos de alemães citados anteriormente, o autor da nova esquerda inglesa direciona suas análises para um currículo com base numa cultura comum. Isto contrapõem a idéia de incapacidade de apreciação na cultura de massa, fruto da indústria cultural. Este último autor não

⁶ Que se apropria diferentemente da expectativa da determinação de quem produz, estabelece ou seleciona o conteúdo.

⁷ A obra cinematográfica que é esteticamente definida para determinada faixa de público consumidor.

⁸ FORQUIN, Jean-Claude (1993).

desenvolve o conceito de cultura com base em dicotomias. Não há como determinar a classes ou características de apropriação com base na transmissão. A única delimitação no alcance da cultura é a língua. Esta que deve ser apresentada pela escola o mais democraticamente, utilizando-se dos traços culturais mais abrangentes e não determinados apenas por uma classe como cultura de elite ou dominante, pois a cultura apresenta-se com intervenções de diversas classes, gêneros, idades, etc. Ou seja, de diversos grupos sociais, mesmo que desigualmente.

Compreendendo cultura como um conceito complexo, desenvolvido historicamente, Raymond Williams destaca que a cultura deve ser entendida de maneira ampla. E principalmente deve ser disseminada com base nas obras significativas comuns na formação dos alunos e das relações sociais. O cinema que é produto e produtor de cultura, logo tem participação e importância na construção de relações sociais, econômicas e nas experiências pessoais.

O cinema traz em seu bojo características que devem ser conservadas e distribuídas como patrimônio cultural dos seres humanos, e também uma idéia de civilização (modelo a ser seguido) e cultivo de faculdades mentais (portanto uma cultura erudita) bem como de modo de viver e dar significado ao mundo (desta forma inculcando nos sujeitos uma maneira de se apropriar dos símbolos) e tudo isto deve ser passível de entendimento e crítica na escola. Pois é um veículo que transmite e se utiliza destas características durante a disseminação.

A cultura presente na escola, oriunda da Indústria Cultural, não tem apenas características negativas como as dificuldades de transposição didática, escamoteamento de problemas funcionais e estruturais da escola, centralização dos esforços pedagógicos em torno de um instrumento e não nos seres humanos, etc. As experiências suscitadas através do filme devem ser analisadas em conjunto com as demais disponíveis na escola e fora dela. Dubet afirma que são as características subjetivas da relação e da formação dos indivíduos que devem ser analisadas para conseguir compreender a cultura escolar. O cinema pode dar significado e ser mote para o aprendizado em sala de aula. Considerá-lo como produto cultural, localizado em determinado espaço-tempo, esteticamente concebido, é fundamental para entendimento das experiências e construção de críticas no espaço escolar. Crítica que pressupõe conhecimento.

Incluindo-se aqui a análise de Bordieu sobre as características reprodutivas da escola, sendo, a escola e o professor agentes que impõem significados para o mundo dos alunos. Quais os filmes disponibilizados para os alunos e com qual intenção? Dificilmente há parcela de participação dos alunos e dos outros sujeitos escolares na organização e preparação do uso do vídeo. O professor como sujeito escolar não tem consciência da sua função de reproduzir e não interrompe este processo que impossibilita o entendimento da cultura escolar.

Discutir tecnologia da educação – o cinema na sala de aula – deve ter como premissa os processos de introdução dessas tecnologias na escola. É importante destacar nos estudos em tecnologia na educação o viés histórico para compreender os processos de integração, bem como os motivos dessa relação, tecnologia e escola, no âmbito dos interesses da indústria cultural, da cultura da escola em estudo e da organização pedagógica. Esta discussão visa à análise dos métodos tradicionalmente usados, para construção de novos procedimentos metodológicos que sejam adequados ao uso da tecnologia em referência. Tais procedimentos devem levar em conta a produção cultural cinematográfica que os professores têm acesso, como uma das bases para reflexão sobre os novos encaminhamentos e planejamentos estratégicos dos professores e demais envolvidos na prática escolar.

Abordagens metodológicas para encaminhamento da pesquisa

O uso do cinema no cotidiano escolar do ensino médio nas aulas de história será o objeto de estudo desta pesquisa. A forma de abordagem será orientada teoricamente pela categorização proveniente das relações culturais que estão no entorno da escola, as quais têm presença ou ausência marcante no cotidiano escolar, principalmente nas atuações didáticas e pedagógicas. Considerando também que há transformação e produção cultural pelos agentes dentro da escola, que geram experiências individuais e alteram as relações sociais. Este estudo procurará entender a condução destas práticas, a preparação dos professores, bem como a diferença na aprendizagem dos alunos proporcionada pela interação com esta tecnologia. A investigação terá como base a ação promovida por

professores, sua integração na organização e nos alunos que vivenciam tais experiências na escola.

A partir dos anos 80, apresentando auge até meados dos anos 90, houve uma grande disseminação dos equipamentos que proporcionaram a facilitação do uso do cinema na escola: TV e videocassete. Dentro dessa perspectiva as escolas públicas de ensino médio que serão investigadas pertencem a uma área do núcleo regional de Curitiba. Incluindo os colégios particulares. Um fator que fez com tratássemos um número significativo de colégios prende-se ao pequeno número de professores de história por instituição. O universo pesquisado será de 10 colégios. Tendo em média dois professores de História por instituição de ensino, devido à carga horária da disciplina neste nível de ensino: 02 aulas por semana.

Estes colégios foram escolhidos por comporem amostra representativa e atenderem sujeitos de uma mesma região. Considera-se também que a comunidade os classifica em níveis diferentes. Este trabalho abordará colégios que têm diferenças significativas em nível de infra-estrutura e de projeto pedagógico. Bem como colégios distintos por seu cuidado na organização, na disciplina e na relação com a comunidade. Desenvolver-se-á pesquisa documental nos colégios (também MEC, SEED e NRE), bem como entrevistas com professores e responsáveis pela organização didática e pedagógica da escola.

A escolha da História como disciplina a ser investigada deveu-se a observação empírica do uso recorrente desses professores do vídeo em sala de aula. Na disciplina de História, com os professores que trabalham a disciplina, serão verificados os procedimentos didáticos, comportamentos dos envolvidos durante a apreciação dos filmes e a possibilidade de experiências ou das resistências, assim como das formas de apropriação das obras assistidas. Os filmes analisados serão os que têm características históricas, por serem baseados num fato ou tema histórico importante; ou porque marcaram a história do cinema e da humanidade.

Tendo como objetivo compreender o processo cultural que levam as contradições que se apresentam no uso do cinema, por um lado as críticas frequentes sobre uma linguagem que pode ocasionar o afastamento do aluno dos textos ao mesmo tempo em que possibilita a crítica do universo imagético, sonoro e oral do seu cotidiano. A investigação

dar-se-á por meio da análise dialética dos processos e experiências que passam alunos e professores no cotidiano da sala de aula com o uso de uma linguagem baseada na oralidade e nas imagens. Outro foco do estudo será entender as experiências dos indivíduos envolvidos e as relações culturais dentro e fora da escola, possibilitando ressignificar o cotidiano dos envolvidos através da análise com base na perspectiva materialista⁹ investigando os procedimentos, práticas e instrumentos pedagógicos.

Os professores dos colégios envolvidos responderão questionários no momento de aproximação às escolas. Portanto estas questões serão a porta de acesso aos procedimentos utilizados para apreciação de filmes. Posteriormente, com base no retorno dos questionários, serão marcadas entrevistas¹⁰ que deverão ocorrer individualmente no espaço da escola em que o professor leciona, onde serão investigadas questões mais específicas e complementares ainda não abordadas em relação à prática, fundamentação teórica, relação com a indústria cinematográfica e consumo, bem como o retorno de algumas questões para validação da aproximação.

A análise da investigação será através da qualificação e interpretação das descrições e reflexões das práticas pedagógicas, experiências e relações culturais dos professores coletadas nas entrevistas. Depois da primeira aproximação com o ambiente da escola, outras observações serão pertinentes para o desenvolvimento do trabalho. Na aproximação em relação aos professores na prática numa sala de aula a participação será passiva, apenas registrando o ocorrido: a reação dos alunos, os procedimentos do professor, o encaminhamento dos trabalhos, as relações e experiências presenciadas. Os alunos serão observados neste momento, e se necessário serão desenvolvidas questões que gerem o aprofundamento sobre as experiências com filme e concomitantemente como os alunos se apropriam e se relacionam com este procedimento dentro e fora da escola. A pesquisa deverá se orientar para os grupos de alunos que apresentem preferencialmente características comuns e significativas em relação ao objeto de análise. Este grupo poderá ser formado por alunos que tenham relação com o cinema fora da escola, e tenham maior participação nas aulas dos professores, bem como poderá ser selecionado outro grupo com características opostas ao primeiro.

⁹ Triviños (1987).

¹⁰ Ver anexo roteiro de entrevista com professores.

Quanto aos demais envolvidos no processo escolar, haverá aproximação ao coordenador da disciplina de História, e na sua ausência supervisores e diretores que acompanham o trabalho do professor, devem ter participação dessa maneira: outras entrevistas serão orientadas para a informação, buscando principalmente a relação do procedimento com as demais atividades da escola. Buscando dados sobre o uso de filmes e projetos de ensino, além do conhecimento dos demais envolvidos a respeito destas atividades no cotidiano escolar, bem como a representação da prática do(s) professor(es) observado(s) por parte destes coadjuvantes do processo de ensino. Este tipo de investigação será encaminhado semelhantemente com inspetores de ensino e responsáveis técnicos pela instalação e manutenção dos equipamentos, se houver.

O procedimento terá continuidade na análise dos documentos da escola, referentes à aquisição de materiais, planejamentos e projetos pedagógicos no âmbito da escola. Posteriormente, analisaremos os documentos. A análise documental voltar-se-á para os órgãos diretivos e reguladores que influenciam na definição da infra-estrutura das escolas (MEC e SEED). Além de outros documentos: ações da APM – através de regulamentos, normas e ofícios; solicitações de materiais pela escola; compras e recebimento de equipamentos; e verificação do patrimônio mobiliário da escola.

A triangulação para validação será feita com base na análise documental das políticas de incremento ou instalação destes equipamentos. Na escola e nos níveis diretivos e políticos. Também haverá validação por meio da percepção de outros sujeitos escolares envolvidos direta e indiretamente no uso dos equipamentos e elaboração pedagógico (coordenação, direção, apoio técnico, etc).

A pesquisa proporcionará a comparação das escolas no âmbito público, e destas também com a escola privada. O estudo comparativo de casos resultará em especulações em torno de práticas comuns, e nas diferenças qualitativas com base na interpretação e também em dados estatísticos. A observação do resultado quantitativo proporcionará a análise qualitativa dos mesmos e serão tratados num continuum.

Outrossim, estudos bibliográficos sobre a trajetória no Brasil no que se refere ao uso do cinema em sala de aula¹¹ estão sendo, por mim, realizados e continuarão nas

¹¹ Almeida (2004), Sá (1967 e 1976), Napolitano (2003), Serrano (1930), Schvarzman (2004) e Woiski (1952).

análises documentais. Isto possibilita a historicização do papel da indústria cultural e das iniciativas do governo. Bem como será possível analisar a participação do mercado nestas escolhas e seleções, ditando regras de produção e consumo. Isto dará suporte para as investigações, no que tange aos esforços didático-pedagógicos e institucionais para uso de equipamentos que melhorem e facilitem o trabalho dos professores. Estes estudos que continuarão concomitantemente à investigação, também possibilitarão a compreensão da valorização das tecnologias que se percebem atualmente nas escolas brasileiras.

Quanto ao tratamento das entrevistas, que será o primeiro passo da após o início da pesquisa, desenvolver-se-á análise do discurso¹². Destacando ênfases e omissões comuns nos discursos primeiramente dos professores, quantitativamente comparados quanto à formação, domínio teórico da presença do cinema em sala de aula, bem como a relação consumista ou irrefletida com a indústria cultural e com a cultura escolar. Na técnica de associação de idéias o observador não é neutro ou passivo. A interpretação é fundamental. Desta forma o número de entrevistas torna-se significativa quando baseada em entrevistas semi-estruturadas – longas – relacionadas a levantamentos paralelos sobre as conjunturas sociais, históricas e culturais, as quais ajudam a construir as relações dos indivíduos. Estes, portanto, os sujeitos sociais. Segundo Spink, considerar o fato como parte da interpretação, e conseguir empatia dos investigados, que também são diferentes por esta escolha do investigador, possibilita melhor desenvolvimento da interpretação, que é hermeneuticamente mais uma interpretação.

Estratégias de abordagem: a perspectiva da cultura

A cultura como processo humano constitutivo das relações, escolhas e experiências, orientará a ação de reflexão em torno do uso de obras cinematográficas em sala de aula. Historicizar e analisar o uso de filmes na escola, os processos de apropriação desta tecnologia e o uso pelos professores desse produto da I. C., para dar conta de entender as mudanças, rejeições e permanências desta prática. A qual não é um processo que pode ser analisado apenas no âmbito da escola, pois recebe influências externas.

¹² Spink (2000).

Para ilustrar este processo: num colégio particular de Curitiba (PR), nos anos 70 houve um investimento de grande monta em recursos audiovisuais. As aulas eram gravadas em videoteipe e usadas quando o professor não podia estar presente. Também eram utilizados filmes projetados ou em videoteipe de obras cinematográficas apropriadas. Mas isso era apenas transposição, sem adequação metodológica. O uso de músicas, retro-projetor e projetor de slides eram mais eficientes. Nos anos 80 com o advento do videocassete houve uma intensificação do uso do cinema em sala de aula. E uma autonomia sem igual do professor em relação a este processo. E desde então os investimentos foram mínimos para ampliação desta estrutura. Houve, no início preocupação de aquisição de filmes, que não era eficiente, pois logo os professores deixam de utilizá-los pela defasagem de qualidade técnica (documentários principalmente) ou substituição por obras mais atualizadas, ou ainda pela substituição de novos aparelhos.

Considerando Willians (2000), a cultura é o esquema gerador das escolhas da escola. De onde se seleciona o que se considera importante para o aluno. E o cinema faz parte destas escolhas. Segundo este autor a importância da memória e da história leva a compreensão dos processos de seleção, interpretação e rejeição na escola. Para desenvolver novos processos educacionais baseados em tecnologias midiáticas, as quais valorizam sobremaneira as imagens e os sons, é necessário entender a escola em que se está atuando, principalmente sua cultura: processos de comunicação, apropriação, produção, reprodução, resistência e experiência por que passam e elaboram os seus sujeitos.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W et HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.
- ALMEIDA, Milton. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez. 2004. 3ª edição.
- BORDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice. CATANI, Afrânio. (Org.) **Escritos da educação**. Petrópolis: Vozes. 2004. 6ª edição.

- DUBET, François; MARTUCELLI, Danilo. **En la escuela:** sociologia de la experiencia escolar. Buenos Aires: 1998.
- DUBET, François. **Sociologia da experiência.** Lisboa: Instituto Piaget. 1996.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta:** ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto. 2003.
- SÁ, Irene Tavares de. **Cinema e educação:** a cultura cinematográfica abre novos sobre a economia e a técnica; a ciência e a arte; a educação e o ensino. Rio de Janeiro: Agir. 1967.
- _____. **Cinema:** presença na educação. Rio de Janeiro: Renes. 1976.
- SERRANO, Jonatas. VENÂNCIO FILHO, F. **Cinema e educação.** São Paulo: Melhoramentos. 1930.
- SPINK, Mary Jane. **Desvendando as teorias implícitas:** uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho et JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). Textos em representações sociais. Petrópolis: 2000. 6ª ed.
- TRIVIÑOS. Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade.** São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1969.
- _____. **Cultura.** São Paulo: Paz e Terra. 2000. 2ª edição.
- WOISKI, Albano. **A cinematografia pedagógica:** sua importância e necessidade na didática contemporânea. Tese de concurso de docência livre. Curitiba: UFPR. 1952.